



A CONSPIRAÇÃO DAS MOEDAS

PARTE III: O ESCAMBO DE ISFAHAN

LU CAVALHEIRO

2022



Minu Istari, uma jovem *Ouvido do Sultão* apaixonada por seu comandante, Rashid al-Samet, está toda boba e feliz pelo fato de que ele irá passar uns dias na casa dela, em Isfahan. Mal sabe ela que Rashid já está na cidade, tentando localizar por conta própria um mercado de escravos ilegais. Apesar de ser contrário à existência da escravidão, ela é permitida em certos termos no *Sultanato de Acheon*, e por isso ele precisa restringir suas batidas extra-oficiais.

O que Rashid não sabe, porém, é que ele vai se encontrar com muito mais do que isso enquanto procura o tal mercado de escravos ilegais...

PARTE III: O ESCAMBO DE ISFAHAN é o terceiro da série **A CONSPIRAÇÃO DAS MOEDAS**, uma sequência de histórias que revelarão como Rashid lidará com o tal mistério e com os segredos de seu passado.

Conto não recomendado para menores de 18 anos, por retratar consumo explícito de álcool e tabaco, prática de jogos de azar, violência implícita e explícita, escravidão e assédio sexual contra menores de idade.

A CONSPIRAÇÃO DAS MOEDAS

PARTE III: O ESCAMBO DE ISFAHAN

Uma história curta de investigação em um mundo de fantasia árabe

Lu Cavaleiro

2022

Texto licenciado sob Licença Creative Commons Atribuição-CompartilhaIgual
CC-BY-SA 4.0 Internacional

DADOS DA PUBLICAÇÃO

Série: A CONSPIRAÇÃO DAS MOEDAS

Título: PARTE III: O ESCAMBO DE ISFAHAN

Ano de publicação: 2022

Autoria, revisão e diagramação: Lu Cavalheiro

Artes:

- **Capa:** Wojtek Paczes, *Empty Alley in the Market* (https://www.pexels.com/photo/empty-alley-in-the-market-4960603/?utm_content=attributionCopyText&utm_medium=referral&utm_source=pexels)
- **Quarta capa:** Domínio público (<https://pxhere.com/en/photo/1201293>)

Licença: *Licença Creative Commons Atribuição-CompartilhaIgual CC-BY-SA 4.0 Internacional* (https://creativecommons.org/licenses/by-sa/4.0/deed.pt_BR)

Ano de publicação: 2022

Este conto é uma obra de ficção baseada em uma versão fantasiosa da cultura do mundo árabe anterior ao Islamismo. Em momento nenhum esta obra pretende ser desrespeitosa com nenhum elemento cultural ou histórico de uma civilização fascinantemente rica quanto esta. Quaisquer coincidências com a realidade serão meras coincidências. Sociologicamente sombrias e preocupantes, mas meras coincidências.

Apesar de retratar situações como escravidão e assédio sexual a menores de idade, nem o conto, nem a autora, defendem, concordam ou mesmo toleram esses abusos e crimes contra a dignidade humana. As situações descritas no conto servem ao propósito claro de caracterizar a ausência de moral e consciência de dois personagens, bem como para defini-los claramente como personagens não heroicas.

Conto não recomendado para menores de 18 anos, por retratar consumo explícito de álcool e tabaco, prática de jogos de azar, violência implícita e explícita, escravidão e assédio sexual contra menores de idade.

O ESCAMBO DE ISFAHAN

A brisa úmida e salgada anunciava a todos em Isfahan que a tarde logo se despediria dos céus. Aqueles que trabalhavam nas ruas começavam a recolher seus pertences e instrumentos de trabalho, enquanto os afortunados o bastante para trabalhar em escritórios, gabinetes, lojas e outros lugares nos quais não estariam expostos ao verão inclemente contavam os minutos para o alerta que anunciaria o fim do expediente. Uns outros, ainda mais afortunados, já estavam em casa, pois viviam de rendas, títulos ou do trabalho de outras pessoas. Uma dessas sortudas era Minu Istari, a jovem *Ouvindo do Sultão* cujo disfarce deriva-se de ser uma mercadora que por bom fado herdara de seus pais o monopólio sobre o transporte de alimentos derivados de pesca entre o *Sultanato de Acheon* e os países vizinhos. Ela estava sentada em seus aposentos, as janelas viradas para o Mar Tabaristão abertas e permitindo a entrada da mesma brisa úmida que soprava por sobre toda a cidade. O cômodo era particularmente amplo, umas doze jardas no lado virado para o Mar por umas nove no outro lado, as paredes brancas de quinze pés cobertas por tapeçarias de todas as cidades do *Sultanato* que ela já visitara pessoalmente e os móveis distribuídos de modo a criar um ambiente de conceito aberto que misturava escritório, quarto de dormir e sala de estar.

No momento da brisa ela estava sentada em sua escrivaninha. Ela tinha em suas mãos uma carta de papel não branqueado, e suspirava e sorria embevecida admirando o papel. Minu perdeu as contas de quantas vezes lera aquela carta, e nem sequer havia se preocupado em contar quantas vezes suspirara. Ao seu lado um vidro de tinta aberto, algumas folhas de papel e a pena repousavam intocadas

após ela ter rabiscado alguns corações em uma das folhas. Seus cabelos longos e cacheados caíam-lhe por sobre os ombros até a mesa, pois em sua própria casa ela não usava o lenço característico para prendê-los. Ela se sentia mais leve que o ar, como se aquela brisa agradável pudesse levá-la flutuando sobre o Mar Tabaristão com o menor sopro. Ela havia recebido a carta enquanto estava nos escritórios comerciais da *Sol Ardente Logística*, seu negócio de transporte de alimentos, um pouco antes do meio-dia, e ao ver quem era o remetente desvencillhou-se imediatamente de todas as suas obrigações e foi-se para casa. Minu leu a carta com a doçura de uma adolescente apaixonada, e passou o resto da tarde até aquele momento admirando o papel, a caligrafia, a mensagem, o nome do remetente.

A carta era algo que ela esperava há algum tempo. Havia um mês, ela esteve em Acheon investigando a postura e o comportamento suspeitos de Omar Khayyan, um mercador sediado em Isfahan. Sobre ele pesavam suspeitas de associação a Ayuna Pathmos, uma escravista suspeita de envolvimento até o pescoço nos aspectos mais ilegais desse tipo de operação. De fato ela encontrou Pathmos em Acheon, mas nenhum sinal de Khayyan: os registros de entrada e saída na *Praça do Mercado*, o principal centro comercial de Acheon, indicavam que ele deixara a cidade há seis meses para entregar uma carga viva de animais em um país distante, ao sul. Na noite em que Minu se preparava para retornar para Isfahan ela percebeu um sinal de fumaça mágica especial, o meio usado pelos *Ouvidos* para convocar todos os membros da agência disponíveis para uma reunião naquela madrugada a acontecer na casa do líder deles em Acheon, Rashid al-Samet. Minu nunca conhecera homem mais interessante, mais inteligente ou mais carismático que al-Samet, e por ele cancelou sua viagem de volta para participar da reunião. Lá ela descobriu que queriam matá-lo, e após uma mentira inocente conseguiu passar a noite em sua casa. Quando ela acordou, al-Samet já havia saído e seus empregados não sabiam para onde. Ela deixou um bilhete convidando-o a passar uns dias em Isfahan e tomou as providências para voltar para casa. Mal ela pôs os pés em sua residência em Isfahan ela recebeu a resposta de al-Samet anunciando que assim que os negócios permitissem ele passaria uns dias naquela bela cidade.

Minu, portanto, não cabia em si de felicidade por ter recebido uma carta de Rashid al-Samet naquela tarde anunciando suas intenções de descer para Isfahan em seis dias. Em sua mente ela fazia mil planos, e em todos eles o desfecho era bem similar: ela declarava seus sentimentos para al-Samet, ele respondia dizendo sentir o mesmo e os dois iam para o altar. Apesar de haver muitos preparativos para serem feitos, pois al-Samet era famoso por seu gosto e refinamento, ela se permitiu ficar namorando a carta por mais meia hora.

* * *

Naquela mesma tarde em Isfahan, Rashid al-Samet tomava um mais do que um gole de rum, um destilado importado bastante popular no *Sultanato*, em uma das tavernas da cidade enquanto admirava as poucas presenças femininas no local. A taverna parecia cavada em rocha por conta das paredes pintadas no mesmo tom de arenito, o pé-direito baixo, a pouca iluminação e o ar abafado, e o cheiro de bebida derramada, suor de um dia inteiro de trabalho e perfumes baratos se misturavam de um modo quase repulsivo em suas narinas. O músico local tinha o mesmo refinamento de um Qarim, o mesmo senso para sutileza de um al-Basham, família rival da Casa al-Suleiman do Sultão Hakim de Acheon, e o mesmo gosto para piadas e trocadilhos de um al-Fashid, famosos tanto pela frieza quanto pela falta de tato na hora de falar. Pelo menos o rum era de qualidade e não estava batizado, e o tabaco que ele comprou ali não estava adulterado ou mofado – mas, por precaução, ele fumou em seu próprio cachimbo. Havia uma mesa de carteadado acontecendo barulhenta em um canto mais escuro, mas Rashid não jogava se estivesse trabalhando e por isso nem se interessou em ver o que acontecia ali.

Havia viajado sob o nome falso de Suleiman ibn Ali, e não queria nenhum alarde de sua presença na cidade. Por meios próprios, soube que Minu Istari, uma das *Ouvidos do Sultão*, estava investigando um tal Omar Khayyan por associação com Ayuna Pathmos. O *Mercador*, codinome de Rashid na organização, deu de ombros conforme um arrepio percorria sua coluna. Pathmos, uma mulher linda e vaidosa com o rosto parcialmente desfigurado em virtude de uma queimadura, lhe

metia medo. Ela correspondia ao estereótipo de um mercenário de aluguel: cruel, eficiente, pragmático, violento, escravista, amoral. O ofício dela era legalizado dentro de certos limites, mas Pathmos era suspeita de manter um lucrativo negócio de compra e venda de escravos ilegais. Para manter a discrição sobre esse suposto negócio todo, seria preciso um sócio com licença de comércio, e era onde entrava o tal Omar Khayyan. Khayyan era um mercador que por razões ainda não totalmente explicadas adquirira recentemente o direito de uso de uma licença para comércio para transporte de animais, e passara a fazer fortunas com o transporte de cargas vivas entre o *Sultanato* e os países do sul. A associação com uma escravista, o transporte de cargas vivas e a fortuna repentina se tornaram muito suspeitos aos olhos do espião veterano, e ele decidiu investigar a questão por conta própria.

Ele sabia que Khayyan apareceria naquela taverna em algum momento da tarde, por isso decidiu pedir mais uma caneca de rum e esperar até que seu homem mostrasse as caras. Suas investigações prévias não revelaram muita coisa. Omar era um homem de mais ou menos 30 anos, atlético e corpo bem definido com a pele apenas ligeiramente bronzeada e os cabelos negros cortados bem curtos. Dizem que ele seria praticante de algum estilo de luta desarmada, mas as fofocas locais não souberam dizer qual. Os armazéns usados por ele em Isfahan estavam vazios, mas os responsáveis pelo armazenamento das cargas disseram que ele movimentava apenas contêineres ventilados, apropriados ao transporte de cargas vivas. Durante a investigação, Rashid encontrou tempo para deixar com um dos funcionários de Minu a carta dizendo que ele chegaria em seis dias.

Sua atenção se voltou para dois sujeitos musculosos e portanto armas abertamente entretidos em um jogo de dardos em um canto. Eles não bebiam, mas as mulheres que os acompanhavam bebiam e comiam muito. Uma delas tinha cabelos ruivos muito brilhantes, quase não naturais, enquanto a outra, de cabelos e olhos laranja, parecia ter saído de um daqueles espetáculos de lanterna mágica para crianças nos quais as pessoas têm cabelos de várias cores esquisitas. Rashid imaginou que fossem duas das responsáveis por fazer os homens gastarem mais do que eles queriam em tavernas, uma tática que ele aprendeu a reconhecer graças a De-

lia Surrige, a Cortesã responsável pelo *Mundos Distantes*. Os homens pareciam felizes em esvaziar a carteira daquela forma, e isso não era um assunto de Rashid mesmo. Ele deu de ombros e bebeu mais um gole de seu rum.

O *Mercador* quase ia tirando sua atenção do jogo de dardos quando um dos homens olhou em sua direção e pôs-se imediatamente em prontidão. O outro, ao perceber a postura do amigo, pegou uma de suas armas, uma *casa-alnaar*¹, e olhou na direção de Rashid. Em menos de um segundo ele realizou estar olhando para Omar Khayyan, o homem sem a arma, e em menos tempo ainda ele percebeu que Khayyan o havia reconhecido. Rashid, um homem não muito afeito à filosofia nessas horas, mal teve tempo de pular para trás do balcão da taverna antes do homem com a arma disparar dois tiros em sua direção. A cantoria e a bebedeira imediatamente pararam, toda a atenção focada nos dois homens que corriam para fora da taverna e para o homem que pulou para trás do balcão. Rashid estava caído no chão, gemendo e se contorcendo de dor apesar de ter sido apenas atingido de raspão em um dos braços.

Rashid continuou jogado atrás do balcão até ter certeza que o tumulto acalmara. Ele se levantou, ainda sentindo muita dor apesar de ter apenas um braço arranhado e um ombro dolorido, e olhou ao redor. As mulheres que antes acompanhavam os dois agressores estavam paralisadas, mas a normalidade havia se restabelecido e as pessoas bebiam, comiam, flertavam, como se nada houvesse acontecido. Apesar da dor, Rashid comentou com o taverneiro em tom de pilhéria enquanto girava o dedo no ar como que para apontar o local como um todo, “Pessoas atirando aqui dentro é algo tão comum assim?”, e terminou calmamente de beber sua caneca de rum – que milagrosamente não fora atingida pelo tiro.

* * *

Isfahan tem sua própria rede de vielas escuras e imundas, e em algumas delas ocorrem negócios que necessitam do silêncio e do segredo para poderem acon-

¹Uma arma que dispara projéteis impulsionados por um composto alquímico altamente inflamável e explosivo. Pronuncia-se *alsa-naaru*.

tecer. Em uma delas havia um barzinho pé-sujo sem nome e com a fachada caindo aos pedaços. Mas se você soubesse a senha, o dono do estabelecimento poderia levá-lo até o subsolo do prédio, e era lá que os verdadeiros negócios ocorriam.

Naquela tarde não era diferente. Ayuna Pathmos estava com seu mais novo lote de escravos no subsolo do bar, e haveria um leilão pelas melhores *peças* ali. Ela estava com sua *casa-alnaar* atravessada nas costas, e seus funcionários preparavam o espaço para a chegada dos nobres e homens livres abastados que não se incomodariam em ter um escravo ou dois ou mais com a documentação fria necessária para que eles parecessem terem sido legitimamente adquiridos. O espaço era bem amplo, com quase quarenta pés de altura, vinte e cinco jardas de comprimento e quarenta de largura. Em um dos cantos havia uma jaula com doze pessoas espremidas num espaço que mal caberiam cinco, e na parede próxima à jaula havia um palanque de madeira escura com argolas de metal afixadas à parede. O lugar era malventilado, escuro, sujo, abafado e malcheiroso, mas em menos de meia hora estaria cheio de nobres e toda sorte de gente com dinheiro para comprar escravos. Ela brandia o chicote ameaçadoramente em direção à jaula, fazendo-o estalar próximo das grades para apreciar o terror nos olhos de suas mercadorias, e Ayuna sorria de prazer.

Ela estava entretida dessa forma quando Omar Khayyan e seu guarda-costas apareceram apressados pela escada de acesso. O guarda-costas parecia apenas cansado, mas Omar tinha um certo medo nos olhos que era difícil de notar e quase impossível de descrever. Ayuna, frustrada por ter sido interrompida, virou-se para os dois e os encarou fria, agressiva e silenciosamente, os braços cruzados em frente ao peito e ainda empunhando o chicote, que balançava displicentemente. Sem preâmbulos, sem saudações, Omar disparou as palavras, “Rashid al-Samet está aqui, Ayuna. Temos que ir embora.” Ayuna não se moveu, e Omar continuou, “É sério, Ayuna! Aquele maluco tem um quê contra o nosso tipo de negócio”. Ayuna não se mexeu, mas respondeu com o jeito mais casual que pôde, “Há um leilão esta noite. Partiremos depois dele”. Sua voz transparecia autoridade, um sinal claro de que as coisas seriam feitas do jeito dela. A escravista continuou, “Se al-Samet apa-

recer aqui antes do fim do leilão, nós o matamos. Se ele aparecer depois, não terá nada para ver aqui.” Omar se calou e abaixou a cabeça. Ayuna descruzou os braços e enrolando o chicote se aproximou dele. Ela levantou a cabeça de Omar com o chicote enrolado e o encarou ameaçadoramente antes de continuar, “Fui clara?” Omar fez que sim com a cabeça, e ela se afastou. Ela continuou, em tom didático, “Você não tem o que temer. Você foi contratado para transportar carga viva, e os documentos que eu forneci dão a entender que a tal carga se compõe de animais de corte ou bestas de carga. Você está fazendo seu trabalho de mercador, lembra?”

Como se fosse para reforçar as afirmações de Ayuna, o primeiro comprador desceu as escadas. Era uma nobre sulista com o corpo coberto por tatuagens e um jeito voluptuoso demais em cada passo, em cada gesto. Ayuna a saudou cordialmente e a convidou a sentar-se para esperar o início do leilão ou então para analisar as *peças* a serem vendidas naquele dia.

* * *

Rashid precisava de um plano de ação, e precisava dele para ontem. O tumulto na taverna acabou em vários níveis com o elemento surpresa que ele planejava usar ao seu favor, e Omar Khayyan já sabia de sua presença na cidade. Mais: Omar tinha um amigo que era do tipo de atirar primeiro e perguntar jamais. Isso, e sua suposta sociedade com Pathmos. Esse era um dos poucos momentos em que ele se perguntava se não estava na hora de achar uma esposa e se contentar com a vida de mero mercador – só para gargalhar consigo mesmo, sinceramente achando graça da ideia de existir aposentadoria em sua carreira, embora ele pensasse mesmo em se casar. No momento, porém, sua mente estava mais interessada em como lidar com a situação.

Ele repassou mentalmente o que sabia da situação enquanto caminhava pelas vielas escuras de Isfahan. Omar Khayyan era um mercador que fizera fortuna súbita duvidosa, talvez envolvendo-se em um lucrativo negócio de compra e venda de escravos ilegais. Se a suspeita fosse correta, para manter a discrição sobre esse tipo de operação, ele a disfarçava como transporte de carga viva, animais de

corde ou bestas de carga. Omar tinha um registro falso de saída de Acheon, ou então retornou recentemente sem notificar ninguém na *Praça do Mercado*. Ele tinha um aliado que mais parecia um mercenário com coceira no dedo do gatilho do que um mercador, mas Rashid não teve tempo para ver com detalhes a face do atirador. Seus informantes sabiam da existência de um mercado ilegal de escravos em Isfahan, mas não sabiam onde ficava. Ter sido reconhecido acabou com as chances de uma investigação discreta. E o rum agitava-se em sua bexiga querendo sair de qualquer maneira.

Quando estava pronto para considerar que a sorte o abandonara, ele esbarrou com uma figura conhecida. A mulher de pele dourada porém pálida, como se há anos não conhecesse a presença do *Olho Escrutinizante* do *Bem Amado*, com quase sete pés de altura, vestindo um manto escuro com capuz pelo qual escapavam mechas de um cabelo preto já ficando grisalho e liso irradiava imponência e poder. Para Rashid, porém, ela sinalizava que seus problemas eram muito maiores do que ele pensava.

Fingindo casualidade, ele sorriu e cumprimentou a mulher na voz mais baixa e polida que pôde, “Nasira al-Basham. Há quanto tempo...” e estendeu-lhe uma das mãos. Nasira olhou para os lados antes de retribuir o cumprimento com uma mesura, a voz genuinamente surpresa adquirindo lentamente tons ásperos e malignos, “Rashid al-Fashid, que surpresa. Faz o quê, quinze anos que você me abandonou no altar?” e desferiu-lhe um sonoro tapa no rosto. Com a língua, Rashid verificou se não lhe faltava algum dente enquanto tentava estimar quantas mulheres Tariq Shaleesa, o vendedor de joias falsas e receptor de produtos roubados da *Praça do Mercado* em Acheon, havia ferido os sentimentos. Esfregando a face atingida, Rashid manteve o sorriso enquanto respondia, “Quinze anos e nove meses mais ou menos, se me permite a correção”. Nasira avançou ameaçadoramente para cima dele, que recuou como se ela empunhasse uma faca ou coisa pior, “Você sabe o quanto eu sofri por conta dessa sua palhaçada? O quanto meu pai me culpou por não ter conseguido selar a aliança dele com o seu pai antes de todo o esquema ter sido descoberto?”

Rashid notou que o lado esquerdo do rosto de Nasira parecia levemente deformado, como ele tivesse levado uma surra daquelas, e não pôde deixar de pensar que ela fora fisicamente punida por ele ter fugido do casamento. Ela o aciou contra uma parede antes de esbofeteá-lo muitas vezes, a raiva nublando a força dos golpes. Rashid não disse uma única palavra enquanto permitia que Nasira descarregasse sua fúria sobre ele.

* * *

Pela primeira vez em anos, Rashid pensava na noite em que o casamento fora anunciado. Era uma noite particularmente agradável de outono em Samarkand, uma das maiores cidades do *Sultanato* e originalmente o assento da família al-Fashid. Ele lembrava nitidamente das estrelas, como o Hierofante, a mais bela constelação dos céus e uma das formas para encontrar o sul, brilhava majestosa. Ele acabara de retornar de sua viagem pela Primeira Montanha e ser sagrado Bei por seu pai, e recebera a notícia menos esperada de todas: ele estava noivo. Durante suas viagens ele visitou e permaneceu por um bom tempo entre os homens comuns, onde pôde conversar com vários membros das Guildas de Homens Livres. Em maior ou menor grau, todos eles eram homens e mulheres que haviam rejeitado a noção de que outros poderiam ditar seus destinos, e que ao ganhar suas licenças eles haviam ganho também liberdade. Se homens livres poderiam ter essa liberdade, por que os nobres não a poderiam ter também?

Ele havia conhecido sua noiva, Nasira, também naquela tarde. Era uma jovem bela e admirável: mais alta e mais pálida do que ele, com modos polidos e comportamento muito bem talhado para a corte. Ela parecia submissa àquela situação toda. De fato, ela parecia apreciar aquilo muito, como se se considerasse nascida para ser dada em casamento a um homem qualquer que ela não conhecia e talvez nunca amasse. Era uma situação muito estranha para Rashid, essa submissão à vontade de outras pessoas em assuntos tão pessoais. Nasira era uma mulher bela e inteligente, então por que ela não poderia escolher seu próprio marido? Talvez não a deixassem escolher suas roupas ou determinassem em quais momentos ela

poderia ir ao banheiro também. Talvez se algum tempo se passasse ele pudesse se apaixonar por ela. Mas seu pai insistia que o casamento fosse na semana seguinte.

Rashid passou uma semana em angústia extrema, sem ter a menor ideia do que fazer. Não queria desobedecer seu pai, uma pessoa a quem admirava profundamente, mas não achava ser correto essa história de casamentos arranjados. Ele lembra de ter conversado mais de uma vez com seu tio Ibrahim ibn Mahmoud al-Fashid, que abrira mão da nobreza para se tornar um mercador próspero nas cidades do sul do *Sultanato*, sobre isso, que parecia ser um hábito entre nobres, e ele o garantiu que se precisasse de alguma ajuda nesse sentido bastaria procurá-lo na *Academia de Comércio*. O tio Ibrahim era um membro da Guilda dos Mercadores, mas muito mais famoso por ter mandado o proverbial dedo médio para todas as vantagens da nobreza em troca de sua liberdade. O jovem Bei pensou se deveria fugir de casa ou não, mas não conseguia se decidir por um curso de ação.

Na noite anterior ao casamento, que fora marcado para o amanhecer, Rashid teve um sono conturbado. Em seus sonhos, uma figura se identificando como Munir ibn Tarif, o lendário fundador da Casa al-Fashid, o ordenou a levantar-se e abandonar Samarkhand na calada da noite para procurar os contatos que fizera entre as Guildas de Homens Livres. Rashid acordou ensopado de suor, e ao seu lado encontrou vestes de peregrino e uma bolsa com algum dinheiro. Entendendo aquilo como um sinal divino e uma validação da mensagem recebida em seus sonhos, ele seguiu para Acheon, onde fica a *Academia de Comércio*, na calada da noite. Seu pai, seu futuro sogro e sua futura esposa teriam uma surpresa bem desagradável na manhã seguinte.

* * *

O devaneio com o passado deve ter demorado um pouco mais do que um segundo. Nasira contivera sua fúria ao perceber que havia cortado o supercílio de Rashid, e tentava em vão impedir que o sangue manchasse as vestes do mercador. Ela pedia desculpas para um Rashid que não a ouvia, mas pensava seriamente nas consequências de suas ações. De súbito o *Mercador* segurou a mão de Nasira,

que tentava conter o sangramento, e fez a pergunta cuja resposta era óbvia mas ele precisava ouvir assim mesmo, “Seu pai ordenou que você fosse punida porque eu fugi do casamento?” Nasira não o respondeu com palavras, mas abriu o manto que a cobria. Rashid viu com horror que a perna esquerda dela era uma prótese mecanomágica. Talvez Nasira nunca conseguisse um bom marido por conta desse pequeno grande detalhe, ele pensou. Ante o espanto do *Mercador*, Nasira falou sem emoção alguma na voz, “Assim como algumas de minhas costelas também são assim agora. Meu rosto não está pior por causa do talento dos médicos da corte de meu pai.”

Nem mesmo a dor do corte no supercílio ou a quantidade de sangue no rosto e no peito eram capazes de tirar Rashid da espiral de autocomiseração que essa revelação provocou. Nasira repeliu um possível pedido de desculpas com um olhar frio, “O que está feito, está feito. Não o culpo, mas não quero sua amizade. Entenda isso, Rashid.” O mercador continuava quieto, as palavras se recusando a sair de uma língua agora pastosa. Ela retomou seu caminho, mas após alguns passos se virou e disse, “Não me peça desculpas, Rashid. Hoje é apenas o sétimo dia que você me vê em toda sua vida. Ademais, tenho negócios para tratar, escravos para comprar”, e continuou a andar sem dizer mais nada.

O comentário de Nasira sobre seus negócios devolveu a Rashid algum senso. Uma *al-Basham* estava em uma viela de Isfahan para comprar escravos, logo ela não queria que fizessem perguntas. Seus dois suspeitos, Omar e Ayuna, em teoria vendiam escravos por aquelas vielas. A decisão, totalmente baseada no acaso e na oportunidade, veio naturalmente: seguir Nasira até o mercado de escravos e ver se Omar ou Ayuna estariam por lá. Ele esperou que ela se afastasse um pouco, empregando esse tempo numa tentativa infrutífera de conter o sangramento de seu supercílio, e a seguiu até um bar de quinta categoria sem nome escrito na fachada, o tipo de estabelecimento que fazia jus ao denominativo de pé-sujo. Ele observou como Nasira dizia alguma coisa para o dono do local, um homem magro e curvado com uns sessenta anos de idade, e ser levada para algum canto obscuro do estabelecimento. Devia ser algum tipo de senha, mas, como não seria possível descobri-la,

ele decidiu apostar que a saída deveria ser pelo mesmo lugar de entrada e assim poderia interceptar Ayuna ou Omar após as vendas. Ele odiava planos frouxos como esse, mas era o que ele tinha e não teria como fazer um melhor.

Dando de ombros, Rashid pediu uma garrafa de cerveja e perguntou ao dono do estabelecimento se ele poderia fumar enquanto bebia. Ante o assentimento, ele pegou seu cachimbo no bolso e o encheu delicadamente com tabaco. Costumava dar mais atenção a esse simples ritual quando precisava relaxar. Acendeu-o com um fósforo e deu algumas pitadas profundas antes de apreciar a bebida aguada mas muito gelada que lhe foi trazida. Ele não sabia quanto tempo teria que esperar, mas certamente valeria a pena.

* * *

Ayuna Pathmos nem sequer tentaria negar o prazer que seu trabalho lhe causava. Lembrava-a como ela quase teria sido uma escrava se não tivesse demonstrado a seus captores em Severnus, província da *República Sandor* – um desses países que de *república* só tem o nome –, um potencial que seria totalmente desperdiçado se ela levasse uma vida de labuta no campo. Nenhum daqueles pobres-diabos na jaula – *peças*, como ela se referia a eles – havia demonstrado um mínimo sinal de utilidade, do contrário ela libertaria o sujeito promissor e bancaria sua admissão a alguma companhia mercenária. Ela já fizera isso antes. Assim, como estava lidando com um bando de inúteis, não havia em Ayuna remorso por sentir prazer em maltratar e depois vender suas *peças*.

O grupo na jaula estava em estado lastimável. Os farrapos usados à guisa de roupa mal bastavam para mantê-los decentes, e em seus olhos e estômagos sinais de maus tratos e abusos psicológicos eram evidentes – Ayuna era famosa entre os escravistas por manter suas *peças* só um pouco mais do que vivas para desincentivar rebeliões. Eram sete homens, quatro mulheres e uma adolescente em seus quatorze, quinze anos. Os homens estavam com a barba por fazer, e eram louros, morenos, negros. As mulheres poderiam ser bonitas se não estivessem sujas e desnutridas, e talvez uma ou outra ali fosse comprada por um nobre desejoso de um

novo brinquedo sexual. A adolescente, entretanto, valia mais. Era uma beleza morena rara, muito bonita, com folga a peça com o corpo mais bonito em toda a jaula. Seus olhos amendoados e grandes eram muito expressivos, ainda que naquele momento eles apenas emanassem horror. Não era alta, uns cinco pés apenas, mas seu corpo já estava totalmente formado. Ayuna olhava para ela com um certo desejo, uma certa inveja, e sempre que se voltava para ela tentava esconder a cicatriz em sua face com o cabelo. A escravista não sentia impulsos carnis por ela, mas desejava poder trocar a cicatriz em seu rosto para o dela, desejava voltar a ter a pele lisa e fresca que aquela adolescente tão escarnecedoramente exibia. Ayuna se contentava em maltratar psicologicamente a adolescente mais do que às outras *peças*. E ela sorria como se um homem lhe beijasse a nuca.

Após o primeiro comprador chegaram outros, sozinhos ou em pares, até que o salão estivesse com umas trinta pessoas esperando para ver quais eram as peças do dia. Ayuna conhecia a maioria deles, e tentando ser boa anfitriã esmerava-se para deixá-los à vontade, contudo esse não era seu melhor talento. Como sempre não havia nobres al-Suleiman ou al-Fashid no grupo, ela proibia que estes soubessem até mesmo da existência do leilão por temer que a cabeça-mole dessas casas tornasse a escravidão totalmente ilegal no *Sultanato*. Ela sabia também que os al-Fashid alimentavam certos ideais considerados polêmicos, como a existência de uma separação entre o poder pessoal do Sultão e o exercício da justiça, e não permitir o ingresso deles era uma simples questão de bom senso. Mas havia membros das Guildas de Homens Livres, nobres de outras casas do Sultanato e até mesmo dignatários representando nobres de outros países. Todos eram bons compradores, mas nenhum deles era tão bom cliente quanto Nasira al-Basham.

Ayuna se deteve ao lado de Nasira e aguardou o momento apropriado para dirigir-lhe a palavra. A filha do Emir Hassain al-Basham conversava amistosamente com um Prospector que mantinha uma operação duvidosa em Bessain, sua cidade natal, e Nasira discutia termos pelos quais uma sociedade entre o Prospector e ela poderia ser estabelecida. Assim que ele se afastou, obviamente satisfeito com o acordo travado, Ayuna fez uma meia reverência e sorriu, “Ah, Senhora Nasira! É

uma honra tê-la aqui mais uma vez. Espero poder atender às suas necessidades de maneira satisfatória.” Nasira sorriu com empáfia e condescendência, “Você sempre o faz, minha bela Ayuna Pathmos.” Ayuna levantou-se e apontou para a jaula, “Gostaria de inspecionar o lote de hoje, Senhora?” Nasira concordou com a cabeça e permitiu ser guiada pela escravista. Ela analisou cada uma das *peças* desinteressadamente, mas deteve-se na adolescente. Ayuna pôde perceber a excitação na face de Nasira, e ficou se pensando se a garota seria comprada para esse fim pela nobre de Bessain. Tão casualmente quanto pôde, Nasira se virou para a escravista e disse sem sorrir, “Saiba que Bei Rashid al-Fashid estava circulando por estas ruas, e provavelmente me seguiu até o bar aqui em cima. É bom você ser cuidadosa hoje, meu bem.” A escravista lançou um olhar de incompreensão para Nasira, que parecia querer que Ayuna reconhecesse a menção. “Bei Rashid al-Fashid, Ayuna”, insistiu a Decados, “filho do Califa-em-Exílio Abdallah al-Fashid de Samarkhand. Um desses al-Fashid de pele dourada que fala pelos cotovelos.”

Ayuna apenas sorriu, fingindo ter reconhecido a alusão, “Certamente tomarei cuidado hoje, Senhora, e se a Senhora adquirir alguma *peça* poderá usar a saída lateral para não se comprometer.” Mas em sua mente algumas peças estavam se juntando. Rashid al-Samet estava em Isfahan, e era sabido que ele nascera em Samarkhand. Ele provavelmente descobriria mais ou menos onde o leilão de escravos era feito, embora talvez não descobrisse a localização real do negócio, então era possível ter esbarrado com Nasira pelo caminho. O al-Samet que ela conhecia já havia chamado o Emir Khalid al-Suleiman e seu irmão mais novo, Sinbad, de primos mais de uma vez. Ayuna pensou para si mesma, “Será que al-Fashid e al-Samet são o mesmo Rashid...?”

Ela não teve tempo para pensar mais sobre isso. O último comprador esperado, um delegado de um nobre nortista, havia chegado, e era hora de conduzir o leilão. Ayuna, porém, mentalmente reservou a adolescente para Nasira como uma cortesia para uma compradora tão fiel.

* * *

A espera no bar foi até que divertida para Rashid. Ele fez amizade com o dono do bar, um Prospector aposentado que disse se chamar Asif Sirun. Ele era um caçador de tesouros do passado até decidir que era um negócio muito arriscado para sua saúde, então ele liquidou sua parte na sociedade e comprou um bar em Isfahan, que foi rapidamente transformado em um ponto para venda de itens ilegais. O Prospector não revelaria essas informações de bom grado para um estranho, mas Rashid sabia muito bem que sua identificação de *Ouvindo do Sultão* era mais do que suficiente para fazer algumas pessoas falarem. Asif contou-lhe várias histórias de suas escavações, e Rashid passou a ter uma leve impressão que não eram apenas os Mercadores que exageravam suas histórias.

Asif e Rashid conversaram por algumas horas. O movimento no bar estava fraco, o que permitiu ao Prospector dar total atenção a seu novo amigo e sentar-se com ele. No avançado da noite começaram a sair pessoas pela porta lateral. Asif fez menção de se levantar, mas com um olhar firme Rashid deixou claro que isso não seria uma boa ideia. As pessoas saíam da porta dos fundos do bar, algumas sozinhas, algumas em dupla e umas raras em trio, mas nada de Nasira. Quando o movimento reduziu, Rashid virou-se para Asif e disse, “Traga os responsáveis por seja lá qual negócio tenha sido feito nos fundos deste bar aqui”, e o velho obedeceu a ele sem titubear. Enquanto ele ia buscar as pessoas, Rashid finalizou a cerveja aguada que bebia e desejou profunda e sinceramente estar no bar Qarim de Acheon, o *Subterrâneo*. Lá a bebida era honesta e a companhia, bem agradável.

Demorou uns trinta minutos aproximadamente para que Asif retornasse quase arrastando um Omar bem mais mirrado e menos confiante do que o de algumas horas atrás. Sem dizer uma única palavra, Rashid apontou para a mesa e convidou Omar para se sentar. O mercador esfregava o rosto como se procurasse por alguma presença de barba enquanto lançava um olhar oblíquo e inseguro em direção a Rashid, que despreocupadamente fumava seu cachimbo. Como Omar demorasse para se decidir, Rashid apontou a cadeira novamente, desta vez com a piteira do cachimbo. Sem melhores opções, Omar se sentou na cadeira.

* * *

Ayuna conduziu o leilão do jeito habitual. Ela não era um boa pregoeira, mas por alguma razão isso a divertia e era um dos poucos prazeres a que ela se permitia enquanto trabalhava. Ela vendeu as onze *peças* anunciadas por bons preços, todos bem acima do lance mínimo estipulado, enquanto a adolescente foi guardada para Nasira. Todas as *peças* foram disputadas, principalmente as mulheres, e Ayuna sentia-se orgulhosa de seu poder sobre as cascas vazias de pessoas sendo vendidas ali e sobre seus compradores, tão excitados, tão barulhentos, tão agressivos quanto dois Prospectores vibrando sobre alguma banca de apostas. A escravista sorria, um sorriso que parecia muito agressivo em seu rosto deformado e incapaz de se mexer corretamente. Isso não importava naquele momento. Ela, uma ex-escrava quase vendida para um homem ou mulher rica qualquer, tinha poder, exercia poder sobre escravos e senhores igualmente. Isso importava.

Alguns dos compradores se mostraram extremamente desapontados quando Ayuna anunciou que a adolescente não seria leiloada naquele dia. A pequena morena sentiu medo, horror e nojo rastejando sobre sua pele e em seu estômago quando realizou seu destino. Ayuna a arrastou pelas correntes e a entregou diretamente para Nasira, cujo sorriso era de uma perversidade tal que mesmo outros al-Basham ali presentes sentiram-se incomodados e com pena da menina acorrentada. Nasira sussurrou algo na orelha da adolescente, cujo corpo se retesou imediatamente, os olhos arregalados gritando silenciosamente por socorro. Ayuna lançou seu olhar pelo salão, deixando claro que não admitiria a intervenção de nenhuma pessoa, fosse quem fosse, naquela cena. Impotente, indefesa, abandonada, a adolescente começou a chorar de medo e tensão. Sua nova dona disse em um tom decididamente sedutor, “Não se preocupe, minha bela. Serei gentil, e a mimarei.” Ayuna sentiu-se levemente enojada. Respeitava as opções sexuais de cada pessoa, mas não conseguia imaginar uma mulher encostando em seu corpo, queria não conseguir imaginar a cena de duas mulheres se tocando.

Os compradores foram saindo aos poucos do subsolo do bar, com exceção de Nasira. A al-Basham puxou a garota de modo que ela se sentasse em seu

colo e começou a apalpar-lhe gentilmente o corpo em busca de imperfeições, ossos quebrados ou qualquer defeito que um exame ligeiro pudesse revelar. A seguir ordenou a adolescente que se levantasse e se despisse. A jovem, trêmula, mal conseguia coordenar seus movimentos, mas obedeceu à ordem dada. Suas mãos tentavam em vão cobrir o corpo nu, assustado, trêmulo, as lágrimas rolavam silenciosas por suas faces, mas Nasira ignorava todo esse sofrimento enquanto conduzia um exame íntimo na garota. “Sabe”, a nobre comentou o mais casualmente que pôde para Ayuna, “ter estudado um pouco de Medicina na academia teve sua utilidade.” Ela cheirou o dedo que introduzira nas partes femininas da garota e sorriu com prazer. “Ela está saudável, Ayuna”, disse a nobre após alguns momentos de deleite com o aroma em seu dedo, “uma raridade entre suas *peças*. Nem mal alimentada ela está.”

A escravista ia responder alguma coisa, mas foi interrompida pela aparição súbita de Asif, o dono do bar. Ele ofegava de nervoso, tropeçava nas próprias palavras mas tentava manter a compostura. Felizmente seu corpo idoso já não reagia à presença de uma jovem nua da mesma forma que fazia há muitos anos, então a compostura foi algo fácil de se manter. “Um... um outo, olvo... outo...” Omar, que estava nervoso, começou a ficar pálido enquanto o velho gaguejava. Nasira se levantou, seus gestos eram a graça encarnada, e caminhou lentamente na direção de Asif, que ainda não conseguia falar. Sem aviso algum deu-lhe um forte tapa na nuca, o que fez voar da boca dele uma dentadura superior e a palavra com a qual ele se embolara: “*Ouvido!*”

Todos se entreolharam. A adolescente fez menção de gritar, mas Ayuna sacou a arma e apontou para ela de forma a ficar claro que ela atiraria se a garota fizesse algum ruído. Omar não estava mais pálido, estava branco. Nasira voltou para onde estava sentada, fez a garota sentar-se sobre sua perna mecanomágica e, como se nada estivesse acontecendo, a mandou abrir a boca. Ayuna então mudou a mira da espingarda da adolescente para Asif e perguntou, já com o dedo no gatilho, “O que você disse para o *Ouvido*, meu velho?” O velho levantou as mãos em rendição e gaguejou meio fanho pela falta dos dentes, “Nada, eu juro!” Ela

abaixou a espingarda e o velho correu para pegar a dentadura. Após recolocar seus dentes, Asif disse um pouco mais controlado, “Ele quer falar com os responsáveis pelo o que quer que aconteceu aqui embaixo.” Ayuna moveu a mira da espingarda de Asif para Omar e sibilou, “Suba. Nem a Senhora Nasira, nem sua nova aquisição, nem eu estamos aqui embaixo, entendeu?” As pernas do mercador tremiam como se fossem feitas de geleia, mas ele não teve coragem para desafiar a escravista. Resignado, acompanhou Asif até a presença do *Ouvindo*.

Indiferente a tudo isso, Nasira delicadamente fechou a boca da adolescente e sorriu para Ayuna. “Uma bela *peça*”, ela disse sorrindo para a escravista, “nenhuma doença óbvia, nenhum odor desagradável, todos os dentes na boca, seios e nádegas firmes”, e mais uma vez cheirou o dedo usado para o exame íntimo da garota. Ayuna limitou-se a sorrir. A excitação de Nasira por tocar a adolescente, por cheirar o dedo, era perturbadora demais para a escravista.

* * *

Omar tentou demonstrar algum vestígio de coragem quando se sentou à mesa e reconheceu Rashid. Este se limitou a enxotar Asif com a mão que segurava o cachimbo, e visivelmente o Prospector ficou muito satisfeito em se afastar de Rashid como se ele fosse a Praga. Assim que o velho estava afastado o suficiente, Omar sussurrou em um tom de pilhéria audível apenas para Rashid, “*Ouvindo do Sultão?*” Rashid deu de ombros e respondeu no mesmo tom baixo, no mesmo tom de sarcasmo, “Ele nunca deve ter visto uma identificação verdadeira de um membro da *Polícia do Mercado*.” Omar tentou sorrir do comentário, mas seu interlocutor não lhe permitiu tempo para apreciar a piada, “Mesmo porque”, disse Rashid no tom mais casual que pôde, “tenho aqui mais interesse em você. Assuntos internos, você entende.” Omar já não conseguia mais fingir coragem. Seus olhos se arregalaram, seus lábios se contraíam em um tique nervoso e um cheiro desagradável, característico das excrescências sólidas que saem do corpo humano, surgiu aparentemente vindo de sua direção. Rashid esfregou o rosto, visivelmente desconcertado com a falta de controle daquele homem sobre seus intestinos. “Por favor”, reclamou, “como diabos você se formou na Academia desse jeito?”

Constrangido e acuado, Omar tentou iniciar alguma palavra, mas Rashid o impediu com um gesto de sua mão. “Omar, não venha inventar desculpas para a condição de suas calças. Ouvi dizer que você é um homem forte, mas não é o que meu nariz vê aqui”, arrematou abanando o ar e o mau cheiro com a mão livre. Paradoxalmente, o medo deu algum ânimo para Omar, que pôs as mãos na mesa como se fosse se levantar e disse em tom baixo mas firme, “Eu não quero parar na *Pedra Solar*²!” Rashid ajeitou-se na cadeira, o cachimbo em sua mão desenhando pequenos círculos de fumaça no ar. “Você me conta o que sabe, eu penso no seu caso. Um acordo simples, não?”, ele disse apontando para Omar com o cachimbo, que concordou com um aceno de cabeça. Asif, atento aos dois de longe, percebeu que algo não sairia como planejado e correu para avisar Ayuna.

Rashid deu algumas pitadas longas no cachimbo antes de soltar a fumaça para cima. Mais uma vez tentava soprar anéis de fumaça, mas sem muito sucesso – e sabia que se insistisse demais acabaria tragando e tossindo exageradamente. Um pouco desapontado consigo mesmo, ele inclinou levemente a cabeça e perguntou para Omar no mesmo tom que usaria para comentar sobre o clima, “Vamos começar com uma simples: o que estava acontecendo lá na sala dos fundos, subsolo ou o que quer que seja?” O homem engoliu em seco e não respondeu. Rashid piscou os olhos e suspirou, esperava esse tipo de reação mesmo. “Vou tentar uma outra, mais fácil ainda: onde está Ayuna Pathmos?” Omar manteve o silêncio. Rashid balançou a cabeça negativamente, suspirou fechando os olhos e assumiu uma face séria mas amistosa quando os abriu, “Veja bem, Omar. Eu não posso ajudá-lo se você não me ajudar, entende?” Omar se limitou a dizer, “Existem pessoas no Mundo Conhecido mais assustadoras do que você, Rashid.”

Satisfeito com a resposta, Rashid se levantou e apontou para a direção na qual Asif sumira sem ser visto por eles. “Então se eu for para a sala dos fundos agora não vou ver nada nem ninguém, é isso?” Omar olhou assustado para a direção para a qual Rashid apontava, mas concordou com a cabeça. Sem esperar confirmação de seu interlocutor mudo, Rashid caminhou calmamente em direção à qual apontara.

²Uma das prisões mais temidas no *Sultanato*, reservada apenas para penas de prisão perpétua.

Sem esperar autorização, Omar correu para tão longe do bar quanto suas pernas bambas e o peso extra em sua calça permitiram.

* * *

Sentindo-se constrangida, Ayuna não tinha a menor ideia do que fazer. Nasira se levantara, levara a garota consigo até o palanque no qual as peças eram exibidas durante o leilão, a fizera sentar e iniciara uma série de perguntas pessoais sobre a vida da menina. Descobriu que seu nome era Karam, que ela tinha quinze anos, havia sido capturada há poucos dias em Aylon, uma pequena vila ao norte do Sultanato, estava desesperada, e nenhum homem a havia tocado ainda. Nasira sorriu com essa última informação, um respaldo seguro para o exame que conduzira em Karam, e olhou famintamente para a menina por mais do que um segundo. Ela segurava uma das mãos de Karam entre as suas, que chorava silenciosamente. E durante essa cena dantesca, um pesadelo como somente um nobre da Casa al-Basham poderia providenciar, Ayuna não poderia sair e deixar Nasira desprotegida. Não a sua melhor cliente.

Nasira, para surpresa de Ayuna e do guarda-costas de Omar, fez a garota se deitar no palanque. Ela observava o peito se mover com a respiração entrecortada de quem está em um pesadelo sem chance alguma de acordar, as pernas e os braços torneados por trabalho intenso apesar das mãos bem feitas e cuidadas. Após mais alguma observação nas mãos e pés de Karam, a al-Basham exclamou, “E ela não tem calos!” Ayuna não era uma pessoa religiosa, mas estaria disposta a rezar para qualquer coisa que fizesse sua cliente ir embora o mais rápido possível. Nasira parecia perceber o incômodo que estava causando, e parecia estar gostando disso. “Falta apenas uma coisa, Ayuna”, ela sorriu, “para eu saber se eu aceitarei o presente ou não.” Decididamente Ayuna não queria mais ficar naquela sala se Nasira estivesse se referindo ao que ela pensou. O guarda-costas, imaginando que a al-Basham se referia à mesma coisa que Ayuna pensara, relaxou e preparou-se para assistir um espetáculo e tanto. Nasira sorriu, o sorriso perverso e decadente de um ninfomaníaco, “Falta sentir o gosto dela.”

Isso era demais para Ayuna. Ela iria protestar, mas nesse momento o velho Asif desceu as escadas correndo e avisou no tom mais baixo porém audível possível, “O *Ouvido* vem aí!”, e fugiu pela porta lateral do subsolo, um painel camuflado escondendo um túnel que sairia em um prédio vazio a dois quarteirões de distância. Pela primeira vez, Nasira se mostrou contrariada. Alisando os seios e o pescoço de Karam, ela olhou na direção da escravista e disse sem nenhuma inflexão em sua voz, “Traga roupas para Karam. Ela precisa estar decente para a chegada do *Ouvido*.” Conhecer a escravista tinha suas vantagens, pensou Nasira. Ela sabia haver algumas mudas de roupas disponíveis por ali, uma cortesia de Ayuna para seus clientes não trafegarem por aí com escravos seminus.

Enquanto a escravista procurava as roupas, Nasira debruçou-se sobre Karam de modo que seu rosto ficasse a um palmo de distância do da garota, e sussurrou, “Você me dará prazer, Karam. E eu te darei muitos mimos enquanto você for minha”, antes de forçar um beijo na boca da adolescente. A garota se debateu, resistiu o melhor que pôde e de fato conseguiu afastar Nasira de seu rosto. Em desespero, completamente incapaz de pensar nas consequências de seus atos, ela começou a gritar a plenos pulmões, “Não, senhora, não, por favor, pare!”, até Nasira a silenciar com um tapa no rosto. A face atingida de Karam inchou na mesma hora, e lágrimas silenciosas escorreram de sua face. A al-Basham viu o inchaço no rosto de Karam, pediu desculpas no tom mais carinhoso possível e enxugou as lágrimas. Nesse momento Ayuna apareceu com a muda de roupas e uma bolsa de gelo. “Ah, Ayuna”, suspirou Nasira, “parece que você lê meus pensamentos!”, e ajudou Karam a se vestir.

Pela primeira vez em sua carreira, Ayuna se perguntou por que não matava um cliente.

* * *

Rashid já se aproximava da porta de madeira barata com a pintura azul descascando quando ouviu os gritos de uma jovem mandando alguém parar de fazer algo. Ele deu um chute na porta, que já estava aberta, e desceu correndo as

escadas. Não foi nenhuma surpresa para ele encontrar Nasira al-Basham e Ayuna Pathmos naquele subsolo. Uma jaula de ferro com o tamanho e grades próprios para prender humanos estava em um canto. As paredes encardidas pelo contato com vários corpos emanavam um odor apenas ligeiramente tolerável, e havia um palanque de madeira ensebada sobre o qual Nasira terminava de vestir uma adolescente morena, muito linda mas com o mais primordial horror estampado em seus olhos. Ayuna tentou aparentar um simples desconforto, enquanto Nasira demonstrava ser senhora da situação.

Com toda a calma do mundo, Nasira se sentou, fez Karam sentar-se sobre sua perna metálica e disse provocantemente, “Ah, Rashid al-Fashid... então você é o *Ouvido*. Curioso, muito curioso...” Ela sorriu felinamente antes de continuar, “Seja bem-vindo ao Escambo de Isfahan, um mercado de escravos que para o seu desprazer é completamente legalizado.” Ela olhou para Ayuna, que estendeu a Rashid alguns papéis, “Veja você mesmo, este genuíno pedaço de mau caminho em meu colo tem toda a documentação necessária.” Ayuna reconheceu logo o zeloso *Ouvido*, famoso por suas incursões contra escravidão ilegal no *Sultanato* e que já lhe causara algum prejuízo, e sorriu zombeteiramente, “Rashid... al-Fashid, um *Ouvido*?” Rashid deu de ombros e respondeu com um sorriso que não sorria, “O velho Asif nunca deve ter visto uma identificação de um *Ouvido* na vida, ou meu falsificador é muito bom.” Anastasia provocou mais uma vez, “Você não quer ler a documentação, Rashid al-Fashid?”, e mais uma vez ele deu de ombros, “Eu sei que ou a documentação é legal, ou a Ayuna aqui presente esquentou essa maço-roca de papéis de um jeito que até eu provar que isso tudo é falso vocês já estarão do outro lado do Mundo Conhecido. Então não, eu não quero olhar.” Nasira sorriu e olhou nos olhos de Karam, “Veja esse tolo, minha querida. Ele me deixou no altar que nem uma idiota quando eu tinha sua idade”, e virou sua atenção para Rashid fingindo indignação, “Ele me desprezou, ele me rejeitou. Logo eu, filha de um Emir importante, enquanto ele... filho de um *califazinho* qualquer.” É humanamente impossível descrever o desprezo com o qual Anastasia acentuou a palavra “califazinho”.

Ayuna olhou curiosa para Rashid, que se limitou a suspirar antes de responder, “Mulheres feridas, cavucam o passado pior do que qualquer Prospector”, e dar de ombros. A atenção do *Mercador*, frustrado por saber que seu trabalho para estourar um mercado de escravos ilícitos fora em vão, voltou-se para Nasira, imaginando o porquê da garota ao lado dela estar com a cara inchada, “Nasira, Nasira. Você já causou seu tumulto aqui. Não é hora de ir embora e deixar alguns membros das Guildas de Homens Livres resolverem suas diferenças?” Nasira apenas sorriu, satisfeita com o impacto causado, e subiu claudicante as escadas de mãos dadas com a adolescente. Karam tinha o medo, o desespero, o pedido de ajuda estampado em seu rosto, e parecia mais estar sendo arrastada do que levada.

Rashid aguardou silenciosamente até que Nasira estivesse totalmente fora de alcance antes de suspirar aliviado. Ayuna relaxou, recolocando sua arma no col-dre em suas costas antes de se aproximar dele, por a mão em seu ombro e dizer, “Olha, eu não sei qual é a história entre vocês dois, Rashid... mas você se deu muito bem por não ter se casado com essa puta louca comedora de criancinhas.” A intuição de Rashid trabalhou célere nesse momento. “Você quer dizer que a garota vai virar...”, as palavras morrendo na boca de um Rashid horrorizado. Ayuna apenas concordou com a cabeça, igualmente horrorizada. “Você não viu nada, Rashid. Você não viu nada...”

* * *

Rashid e Ayuna foram para a taverna na qual o guarda-costas de Omar, agora fazendo a segurança deles dois, atirara no *Mercador*. Ele custava para crer no relato de Ayuna sobre o comportamento de Nasira, mesmo após ouvi-lo por umas cinco vezes e dez canecas de rum pelo menos. Ayuna recorreu às pílulas que tomava frequentemente para acalmar a dor em seus ossos, o estresse da situação provocara uma crise em suas articulações.

Depois de desistir de tentar acreditar na história, por mais que Ayuna não tivesse razões para mentir sobre isso, Rashid passou para os negócios. “Vim atrás de seu sócio Omar, Ayuna”, ele disse casualmente, “já que ele não registrou o regresso

dele na *Praça do Mercado* em Acheon como manda a Guilda.” Como a escravista olhou para ele de maneira totalmente cética, Rashid continuou, “Escuta, eu não gosto desse negócio de escravidão. Pra mim é a coisa mais repulsiva do Mundo Conhecido – basta pensar a que tipo de vida você condenou aquela garota. Mas enquanto for um negócio legalizado e enquanto você não pisar fora da linha dentro de um espaço de comércio, não posso fazer nada.” Ayuna deu de ombros, “Isso é um problema dele. Você pode verificar que eu estou no planeta há mais de seis meses”. Convencido contra a própria vontade, Rashid perguntou para a escravista, “Tudo bem, o que você quer?” Ayuna apenas sorriu, “Eu não vou entregar meu sócio, Rashid.” O mercador estava levemente exasperado, “Tudo bem, tudo bem, eu vim para Isfahan à toa. Ponto pra você. Ganhe um biscoito.”

A escravista parecia feliz em contrariar Rashid. Ele, porém, levantou-se desinteressadamente e preparou o cenário para uma última tentativa. “Você é uma mulher bonita, inteligente e perigosa, eu respeito isso. Mas”, disse ele pondo as mãos sobre a mesa e se curvando lentamente, “se eu souber que você o acoberta e eu descobrir onde ele está, você vai ser acusada de cumplicidade com ele, o que me dá total liberdade para acrescentar uma cicatriz no outro lado da sua cara.” Ayuna gargalhou, “Você, ferir alguém? Faça-me rir!” Rashid manteve-se calmo e em silêncio até Ayuna terminar sua bravata. Calmamente ele adicionou, “Quem disse que eu não posso delegar a tarefa?” Isso fez a escravista pensar duas vezes.

“Vamos combinar o seguinte”, disse Rashid enquanto se afastava da mesa, “ele registra a chegada dele com atraso, paga as multas, eu convenço as pessoas a esquecerem essa investigação e tudo fica bem. Que tal?” Ayuna concordou em silêncio. O *Mercador* prosseguiu, “Em troca dessa camaradagem, eu quero os manifestos de carga verdadeiros, não aqueles que vocês apresentam na *Praça do Mercado*.”

Ayuna engoliu em seco.

* * *

Passava da oitava hora da noite quando finalmente Rashid se viu desimpedido de suas obrigações formais. Foi mais ou menos nessa hora que ele chegou

na porta da casa de Minu Istari, quase seis dias antes da data marcada. Com toda a cara de pau que conseguiu reunir, ele bateu várias vezes na porta. Como ele imaginara, Minu estava dormindo, mas sua casa não era tão grande assim, de modo que as batidas na porta foram o bastante para acordá-la. Ainda grogue de sono, ela vestiu um roupão azul marinho e correu até a porta principal aos gritos de “já vai”.

Quando Minu Istari, a jovem Mercadora de Isfahan que era apaixonada por Rashid, abriu a porta e viu seu amado ali parado, ela não acreditou. Rashid tentou parecer o mais natural possível quando falou, “Estrela de Isfahan, me perdoe se eu a acordei. Mas por um pequeno deslize meu estou sem hospedagem aqui em Isfahan.” O rosto de Minu se iluminou totalmente, e sua felicidade foi tamanha que ela acordou imediatamente. “Meu bom líder, como é bom vê-lo! Entre por favor, está tarde e o senhor pode apanhar um resfriado.” Rashid não recusou o convite, e quando Minu finalmente fechou a porta ele a beijou na testa e sorriu, “Você pode me chamar de Rashid, Minu.”

Ela corou imediatamente enquanto gentil mas atrapalhadamente conduzia Rashid até a cozinha. “Você quer chá”, e, após uma pausa para não o chamar de senhor, “Rashid?”, ela perguntou sorrindo. Percebendo a dificuldade de coordenação de Minu e estando realmente muito cansado, ele recusou, “Preciso mais de um pouso para meu espírito alquebrado e meu corpo fatigado, Minu.” O sorriso dela se iluminou com esperança, “Rashid, eu não sou tão privilegiada quanto você, e não há um quarto de hóspedes em meu lar. Há um sofá, mas ele fica em minha sala de estar que é uma divisão em conceito aberto de um cômodo maior.” Rashid continuou olhando para Minu, que sentiu prazer em dizer, “O cômodo dividido é meu quarto, Rashid. Mas você pode dormir em minha cama. As noites em Isfahan são úmidas e frias, ainda mais aqui à beira do Mar Tabaristão.” Minu deu alguns passos em direção a Rashid, colando seu corpo com o dele e envolvendo sua cintura com os braços. Ela era mais baixa que ele, de modo que ela precisou levantar a cabeça para continuar falando em um tom ao mesmo tempo doce e ingênuo, “Vai ser bom ter companhia.”

Rashid retribuiu o abraço mas não sabia o que fazer. Minu apoiou seu

rosto no peito do *Mercador*, e tudo indicava que ela nutria sentimentos profundos por ele. Tentando ser o mais gentil possível, ele baixou os olhos para melhor enxergar o rosto dela e disse, “Minu, eu temo não poder fazer o que você gostaria.” “Não importa, Rashid”, respondeu Minu, “apenas me abrace e me ame hoje. Eu não peço que você me ame amanhã.” Como ele ficou em silêncio por um longo tempo, ela continuou, desta vez olhando em seus olhos, “Eu sei a quem seu coração pertence. Aquela Qarim que tanto o maltrata, que tanto o desdenha, que tanto o despreza, que tanto o detesta, é ela que seu coração quer. Não peço seu coração, peço apenas que você me abrace e que me proteja do frio hoje.”

Sem a menor ideia do que fazer, Rashid abraçou Minu e sussurrou recusas gentis em seu ouvido enquanto ela fazia um esforço monumental para beijar o mercador e, após tirar um dos braços de cintura dele, despi-lo. Apenas uma coisa havia em sua cabeça, um pensamento: “por que diabos eu aceitei esse convite?”

MEUS CONTATOS

- **Bazar Verde:** <https://www.bazarverde.com.br/Lu%20Cavalheiro>
 - **E-mail:** lu.cicerone.cavalheiro@gmail.com
 - **Facebook:** <https://www.facebook.com/lu.cicerone.cavalheiro>
 - **Instagram:** <https://www.instagram.com/lu.cicerone.cavalheiro/>
 - **Itch.io:** <https://lucavalheiro.itch.io>
 - **Loja Kindle:** https://www.amazon.com.br/s?k=%22Lu+Cavalheiro%22&i=digital-text&__mk_pt_BR=%C3%85M%C3%85%C5%BD%C3%95%C3%91&crd=1MOZZGOF3VCP&srefix=lu+cavalheiro+%2Cdigital-text%2C171&ref=nb_sb_noss
 - **Twitter:** <https://twitter.com/luRPGcavalheiro>
-

O conto **Parte III: O Escambo de Isfahan: Uma história curta de investigação em um mundo de fantasia árabe** foi escrito usando o editor de textos *VIM - Vi IMproved*, versão 8.2, disponível nos repositórios oficiais do **Debian Bullseye** (<https://www.debian.org/>), diagramado usando \LaTeX e compilado usando o comando `lualatex`, versão 1.12.0, disponível nos repositórios oficiais do **Debian Bullseye** (<https://www.debian.org/>).

As fontes utilizadas no corpo do livro foram a *EBGaramond* e *Liberation Mono*, ambas disponíveis sob *SIL Open Font Licence*, cujo texto pode ser lido em <http://scripts.sil.org/OFL>, ambas com tamanho base 11pt.

Diagramado, editado e publicado no Brasil